

### **Sobre a recepção da *Eneida***

Mônica Costa Vitorino (FALE-UFMG)

Resumo: Este estudo pretende abordar aspectos do processo de repercussão da obra épica de Virgílio no intuito de demonstrar que a escola e a crítica constituíram uma contribuição fundamental para a sobrevivência do texto virgiliano e, conseqüentemente, para o seu ulterior papel de fonte inspiradora de várias epopéias da literatura universal. Palavras-chave: Virgílio, *Eneida*, recepção dos clássicos, literatura latina.

Este artigo pretende abordar aspectos do processo de repercussão da obra épica de Virgílio, a *Eneida*. Muito já se estudou e ainda será estudado sobre a presença da poesia épica virgiliana em vários autores da literatura ocidental, sendo imprescindível nesse estudo refletir sobre os elementos que se tornaram contribuições fundamentais para a sobrevivência do texto de Virgílio e, conseqüentemente, para o seu ulterior papel de fonte inspiradora de outras epopéias.

O grande poema épico de Virgílio ainda hoje suscita várias possibilidades de análise e chaves de leitura, apesar de ser bastante extensa a lista de estudos sobre a obra. A *Eneida* compreende doze livros, ou cantos, em um total de aproximadamente dez mil versos, no metro próprio do gênero, o hexâmetro. Iniciado em 29 a.C., não estava completamente terminado quando o poeta morreu, em 19 a.C., tendo sido publicado por Vário e Tuca, dois amigos de Virgílio, por ordem de Augusto, apesar do poeta, segundo a versão mais tradicional, ter solicitado que o poema fosse lançado às chamas, o alcance dos retoques efetuados pelos dois editores é motivo de controvérsias, mas seguramente não foi muito relevante (CONTE, 1997: 247), pois há vestígios seguros que marcam o aspecto de poema não terminado; principalmente os versos incompletos, que chegam a 58 e que sempre constituíram um problema difícil para a crítica, e que provavelmente teriam sido eliminados, ou completados, em uma versão final, outros sinais são algumas contradições internas presentes no poema, mas que de qualquer maneira não comprometem o plano geral da obra, e alguns versos do primeiro e do segundo livro que estão presentes em apenas parte da tradição manuscrita e que já eram objeto de discussão entre os próprios comentadores antigos, mas que hoje, são considerados versos virgilianos, retirados em uma das revisões feitas pelo próprio autor ou pelos seus editores. Mas, mesmo se o autor não tenha feito essa última revisão do texto, para preservar a *Eneida* e publicá-la, havia razões de toda ordem.

Muitas eram os motivos para a preservação da *Eneida*; alguns trechos já tinham sido difundidos e gozavam da admiração de poetas como Propércio, que na sua elegia 2.34.65-66 afirma: *cedite Romani scriptores, cedite Grai! / nescio quid maius nascitur Iliade*.<sup>1</sup> (ROCHA PEREIRA, 1984: 241). Ainda segundo a biografia escrita por Donato, Augusto, mesmo durante a expedição à Cantábria, região da Hispânia Tarraconense, solicitava que Virgílio lhe enviasse trechos da obra e, na mesma biografia, há a informação de que o poeta teria recitado ao *princeps* os livros segundo, quarto e sexto.

A *Eneida*, mesmo com as imperfeições e as incoerências das quais o próprio Virgílio era consciente, assim que foi publicada, obteve nos ambientes literários de Roma um sucesso imediato e retumbante. Mesmo apreciando pouco a notoriedade e cultivando uma arte bastante difícil, Virgílio era já em vida um personagem popular e, segundo muitos autores antigos, o mais dotado poeta romano. Os declamadores da época de Augusto e Tibério, citados por Sêneca, o Velho, utilizam como temas das suas *disputationes* a poesia virgiliana. Já nessa época se inicia uma tradição que terá grande repercussão em épocas posteriores: a elaboração de poemas construídos com versos virgilianos, às vezes bastante obscenos, como pode ser observado, por exemplo, em Petrônio, quando o poeta faz um paralelo entre o mutismo do membro inerte de Encópio e o silêncio de Dido, que nos infernos se recusa a responder às exortações de Enéias. O Virgílio utilizado como modelo por Petrônio é um Virgílio em forma degradada, como é peculiar ao gênero do romance antigo, no qual a ironia nasce justamente da desvalorização do modelo épico, que sofre uma total subversão das suas características (FEDELI, 1998: 363). Contudo, é com Estácio, principalmente, que a presença de Virgílio na literatura encontra, na idade dos Flávios, a sua definitiva consagração.

Não só a *Eneida*, mas as *Bucólicas* e as *Geórgicas* deram margem à produção de outros gêneros literários: comentários, como os de Donato (séc. IV, dos quais restam algumas partes) e os de Sérvio (séc. V), florilégios medievais com citações virgilianas, centões como os de Proba e Ausônio (séc. III e IV).

O caso dos centões, por exemplo, demonstra bem a recepção de Virgílio na Antiguidade tardia e na Idade Média. Existem vários estudos sobre a etimologia da palavra «centão», de origem grega, que, no seu sentido próprio, significa «pano

---

<sup>1</sup> “Cedei o passo, escritores romanos, cedei ó vós gregos! Nasce não sei o quê de maior que a *Iliada*” (trad. ROCHA PEREIRA, 1984: 241)

composto de vários pedaços de tecidos costurados juntos, colcha de retalhos». Em âmbito literário, significa uma composição poética que consiste em uma mistura de versos ou partes de versos pré-existentes e Virgílio constitui a fonte privilegiada dessas composições.

Os centões latinos de Proba e de Ausônio são normalmente indicados como obras-primas no campo da poesia centonária, pelo rigor com o qual são aplicadas as regras de transposição dos fragmentos e pela habilidade com a qual assumem novos conteúdos os versos de Virgílio. Proba, matrona cristã do século IV, mulher de Adelfo, prefeito urbano do ano 351, compôs, por volta do ano 360, um breve poema épico sobre o Velho e o Novo Testamento, com pouco menos de 700 hexâmetros, em cujo prefácio ela declara *Vergilium cecinisse loquar pia munera Christi*,<sup>2</sup> o que a coloca naquele grupo de cristãos que consideravam Virgílio um profeta e fizeram dele um santo da Igreja Católica.

Outra composição célebre é o *Cento nuptialis* de Ausônio. O poeta faz, na carta a Ássio Paulo que precede o centão, uma análise do gênero e define o seu paradigma de centão: “Eis a ti então um opúsculo que a partir de versos desconexos um contínuo, de diversos um único, de sérios uma brincadeira, do alheio o nosso”. Com 131 hexâmetros precedidos e seguidos de dois trechos em prosa nos quais o poeta explica ao seu amigo as circunstâncias nas quais o poema foi composto, ilustra a sua técnica e se justifica pela irreverência utilizada em relação ao seu famoso modelo; um terceiro trecho em prosa, intitulado retoricamente *Parechasis*, é inserido antes da parte mais obscena, chamada *Imminutio*, que corresponde aos fesceninos da tradição nupcial antiga. O centão foi composto, provavelmente, no ano de 368, numa expedição do imperador Valentiniano I. O poeta informa que compôs o poema em uma única noite, com base nos versos da *Eneida* memorizados. O poeta não se limita a uma mecânica montagem de trechos mais ou menos conexos, fazendo adaptações sintáticas e semânticas.

Além dessas composições de maior relevância, por volume e complexidade do jogo ou pelas suas muitas implicações literárias e religiosas, podem ser mencionados alguns centões que compõem a chamada *Anthologia Latina*. Entre esses centões menores, pode ser citado o *De panificio*, em 11 hexâmetros, que repropõe versos da

---

<sup>2</sup> “Falarei que Virgílio cantou os pios dons de Cristo”.

*Eneida* e das *Geórgicas*, jogando com o rebaixamento do léxico e das imagens da épica a nível culinário.

Verifica-se assim a função do antigo para o intelectual da Antiguidade tardia, que é contemporaneamente protagonista da tradição dos clássicos e das transformações da cultura; daí, no mundo latino, a particular função de Virgílio que vale como *auctoritas* para qualquer gênero literário e para qualquer assunto a ser abordado e, justamente por isso, esteve exposto a toda forma de instrumentalização e de reutilização que o transformam em uma amostra do cristianismo ou dele retiram elementos para paródias que são possíveis e somente têm sentido se operadas sobre um texto do qual todos reconheçam um caráter superior.

O texto de Virgílio foi transmitido por uma ampla gama de testemunhos que vão desde minúsculos fragmentos de papiro e pergaminho, até códices que conservaram, uns mais, outros menos, o *corpus* do poeta. Tal variedade de material corresponde ao papel que a obra de Virgílio desempenhou no âmbito da cultura escrita do mundo latino e greco-romano a partir da sua morte, sendo que a imediata difusão dos seus poemas em todo o império contribuiu de maneira determinante para a sua adoção como texto base para o aprendizado da escrita e para o ensino na escola. Testemunhos encontrados em escavações feitas no Egito e na Palestina confirmam as informações obtidas através de alguns grafites de Pompéia de que a *Eneida* era o livro através do qual se aprendia a ler ou se faziam as primeiras provas de leitura e de análise gramatical (PECERE, 1991: 58).

A *Eneida* faz parte do cânone escolar, praticamente, em todas as épocas. Os *auctores* pagãos são considerados *auctores authentici* e, portanto, portadores de uma mensagem positiva. Essa premissa encontra a solução no uso da alegoria que no caso de autores alheios a intenções edificadoras resolve-se com uma conversão dos autores pagãos aos ideais do cristianismo. Verifica-se a exigência de individuar em um texto profano conteúdos eticamente formativos, o que demonstra a preocupação dos círculos eclesiásticos em adaptar o saber antigo à escala de valores cristãos para torná-lo utilizável sem causar danos aos jovens alunos.

Fora do âmbito do primeiro nível de ensino, representado pela escola do *grammaticus*, a *Eneida* se tornou também, de imediato, ao lado das obras de Cícero, o texto essencial das escolas de retórica. No início do século I d.C., Cecílio Epirota,

liberto de Ático, abre uma escola e se torna o primeiro a dar lições sobre Virgílio. É a partir da obra de Virgílio, junto a Horácio e Ovídio, que é modelado um novo *corpus* de leituras escolares, o qual suplanta em grande parte o dos autores arcaicos anteriormente em uso, tais como Lívio Andronico, Névio, Ênio, Plauto, Cecílio e Terêncio. Entre os autores arcaicos, somente Terêncio, o mais moderno dos antigos, continua a ser adotado na prática das escolas e dos comentários (GIANOTTI, 1998: 446). Ao longo de toda a cultura imperial, os novos autores do cânone escolar, mas Virgílio principalmente, tornam-se os paradigmas da literatura nacional romana e, a partir de então, a sua importância não será mais colocada em discussão.

Nos períodos sucessivos, nem as tendências modernistas que introduzem nas escolas autores como Lucano e Estácio, nem reações arcaizantes surgidas já no séc. I d.C., com Valério Probo, e fortemente atestadas do séc. III em diante trazem substituições radicais, limitando-se a propor acréscimos. Assim, Quintiliano readmite os *ueteres Latini* no âmbito escolar como ocasião de enriquecimento lexical ou de estudo específico (*Inst.* 1.8.8-11); também Aulo Gélcio não sacrifica a exegese virgiliana ao culto dos arcaicos.

Entre as oscilações, solidifica-se a tendência a estabelecer leituras prioritárias que garantam um bom nível de base, com vistas a ulteriores estudos mais aprofundados. Como resultado final, pode-se indicar o manual de Arusiano Messio, *Trata-se dos Exempla elocutionis*, do fim do séc. IV., que codifica quatro autores: Virgílio, Terêncio, Salústio e Cícero, exemplos expressivos respectivamente da poesia épica, e dramática, da historiografia e da oratória.

No âmbito da recepção crítica da *Eneida*, verificam-se duas tendências opostas: de um lado os que criticam e de outro os que exaltam não propriamente Virgílio, mas justamente a *Eneida* assim como tinha sido publicada. As críticas mais comuns giravam em torno de aspectos de natureza formal e às discussões ligadas aos cânones literários então vigentes e aos ideais propostos pela crítica literária, abrangendo duas questões principais: uma relativa ao confronto entre Homero e Virgílio, e, menos abertamente, entre os gregos e Virgílio, e outra relativa à imitação da poesia romana precedente, na qual já se encontravam muitos elementos utilizados pelo poeta romano. No que diz respeito às fontes latinas, é evidente a presença dos *Annales* de Ênio, que faziam parte do patrimônio cultural e ideológico tradicional, mas encontram-se também inúmeras

alusões a Lucrécio e a poetas contemporâneos como Vário e Horácio (FEDELI, 1995: 257).

Entre as duas correntes, uma posição especial é ocupada por Higino, o bibliotecário de Augusto, não porque se mantenha equidistante de um e de outro extremo, mas pela sua condição de guardião dos manuscritos virgilianos, tanto da *Eneida* quanto das obras já publicadas anteriormente, isto é, as *Bucólicas* e as *Geórgicas*. Higino se mostra muito interessado pelo estudo das *Antiquitates* romanas, mas esse grande erudito não se limitou a ler e a explicar os textos arcaicos, demonstrando também um vívido interesse por poetas inovadores da geração precedente, tais como Cina e Virgílio. Sabe-se que ele escreveu ao menos cinco livros sobre a *Eneida*, talvez mais uma seleção de *quaestiones* do que um verdadeiro comentário, dos quais restaram só pouquíssimos fragmentos, nos quais são assinalados anacronismos e contradições, ou explicadas e defendidas lições que já então pareciam corrompidas no texto. No conjunto, parece que Higino teria se esforçado para demonstrar a injustiça do ataque dos helenófilos a Virgílio, considerado por eles como inferior aos seus modelos e, segundo alguns estudiosos (ONESTI, 1997, xxxii), ele se demonstra inclinado a perceber a necessidade de um *labor limae*, de um melhor polimento da obra e, paradoxalmente, parece criticar a violação da solicitação do poeta de se destruir a sua obra.

Entre os críticos posteriores da *Eneida*, pode ser citado, inicialmente, no I séc. d.C., Aneu Cornuto, que foi o promotor mais ilustre do gosto literário dos decênios neronianos. Sem retomar diretamente as polêmicas dos *obtrectatores* contemporâneos de Virgílio, ele criticava no poeta a falta da arte retórica e de tons e palavras mais fortes. Em âmbito de crítica literária, pode-se dizer que as posições críticas da sua geração foram questionadas por aquela que a sucedeu e, assim, ao gosto da época neroniana reagiram primeiro Quintiliano e, à distância de um século, Frontão. Nesse ambiente renovado, Virgílio retorna definitivamente ao auge e a própria perspectiva crítica a respeito de Virgílio sofre uma mudança radical, pois não são mais as suas expressões que se devem adaptar aos preceitos gramaticais, mas são as próprias normas da gramática que procuram confirmação nos versos do poeta.

Mesmo o gosto arcaizante do século II não produz significativas limitações à forte repercussão da obra do Virgílio. Pelo contrário, é a partir dessa época,

principalmente com Valério Probo, que se lançam os fundamentos da exegese virgiliana. As pesquisas dos filólogos constituem progressivamente verdadeiros comentários perpétuos ao uso dos estudantes: as obras que temos, o grande comentário de Sérvio, as coleções menores de escólios e o comentário de Donato remontam ao século IV, mas preservam, felizmente, muitos elementos dos estudos anteriores. Virgílio oferece não só um filão à educação retórico-gramatical, mas também a uma espécie de poesia escolar, baseada em exercícios sobre temas virgilianos desenvolvidos de acordo com o estilo do poeta.

Nesse sentido, é Suetônio, particularmente, quem se faz portador de um verdadeiro culto ao poeta, vendo no trabalho exegético sobre a sua obra tanto a possibilidade de utilização do texto com fins didáticos, no âmbito da escola, quanto o estímulo a interpretações alegóricas e a adaptações aos propósitos sociais e políticos que serão desenvolvidos e codificados com fins morais e religiosos por toda a Idade Média. Nesse sentido, uma inteira tradição exegética de Virgílio poderia se constituir a partir dos inúmeros trechos da *Eneida* discutidos nas obras dos gramáticos e que permitem a coleta de paralelismos e divergências significativas tanto de leitura quanto de interpretação.

O século IV marca o período mais profícuo desse tipo de comentário proposto por Suetônio. O comentário à *Eneida*, às *Bucólicas* e as *Geórgicas*, que nos chegou sob o nome de Sérvio, é na verdade o produto de uma intensa atividade filológica e crítica sobre os textos virgilianos que durou toda a Idade Antiga e Tardo-Antiga. O sucesso do comentário serviano assumiu, já no V século um conspícuo valor político, de defesa e de exaltação de toda a cultura pagã e romana.

A emergência em Roma de uma cultura cristã assinalou uma passagem decisiva na repercussão de Virgílio. A alta consideração de figuras, como São Jerônimo e Santo Agostinho, é, na verdade, a manifestação mais visível de um fenômeno muito mais vasto, constituído pelo empenho em assimilar a cultura pagã à nova cultura, que encontrou justamente em Virgílio o seu melhor ponto de união. Dentre os mais vistosos fenômenos de assimilação, pode-se citar a interpretação cristã da IV égloga, relida como um simbólico anúncio da vinda de Jesus (SPALLONE, 1999: 443). No entanto, em todos os ambientes nos quais se produzia poesia épica, Virgílio estava presente, mesmo quando o assunto era a Bíblia, as empresas contra os bárbaros ou as gestas dos

imperadores, o poeta romano constituía um exemplo, um modelo e uma autoridade sempre atuante.

É redundante salientar a continuidade da inspiração virgiliana em autores como Dante, Camões, Tasso e Milton. De qualquer modo, além desses grandes autores, é necessário destacar que as reflexões em torno da poética realizadas pelo Humanismo do séc. XVI transformam a obra de Virgílio em um estável cânone de referência, explorando e potencializando as suas qualidades.

Nesse meio tempo, faz-se sensível a presença direta, na cultura européia, do Homero redescoberto. O confronto Homero-Virgílio que já tinha estado em voga na cultura romana após a publicação do poema, torna-se então novamente atual e a questão é um indicador importante para se acompanhar a evolução do gosto. Os comentários virgilianos do séc. XVI e XVII desenvolvem o confronto em detrimento de Homero, uma tendência que só será invertida com o movimento romântico.

A exaltação de uma poesia espontânea e nacional contribuía para desmerecer um poeta que se apresenta excessivamente livresco e cortesão. Essa opinião se fundamenta em vários estudos que interpretam a obra acentuando a sua função propagandista e os freqüentes elementos da ideologia do principado de Augusto. Nem tudo que se encontra na *Eneida* pode ser explicado com a ideologia do principado, pois existem no poema também outros valores e outras fontes de inspiração (FEDELI, 1995, 259). Mas, mesmo as polêmicas do Romantismo, com as ásperas discussões sobre a originalidade de Virgílio, não demonstram ter apagado a repercussão de Virgílio como texto de escola, nem a sua contínua influência sobre as novas gerações de poetas, de Baudelaire a Pascoli, Valéry e T. S. Elliot.

Em suma, deve-se reconhecer o caráter louvável da atitude de Augusto em não respeitar a vontade de Virgílio, pois assim ele contribuiu de imediato para que a sua obra épica fosse editada e divulgada. Estudos recentes referem-se à atitude de Augusto como uma “clarividência um pouco cruel”, afirmando que não é menos prazeroso pensar que possuímos uma das maiores obras de arte da poesia de todos os tempos apenas por causa da clarividência um pouco cruel de alguém que ousou não respeitar as últimas vontades de um poeta em agonia (ZEHNACKER; FREDOUILLE, 1993: 143). Certamente, outros fatores foram essenciais para a preservação da *Eneida*, entre os quais aqueles abordados neste trabalho: o uso da obra na e escola e a crítica. É o

reconhecimento das qualidades intrínsecas do poema virgiliano colocado no centro dos interesses da crítica e da escola que suscita o interesse de outras classes de público, mesmo daquelas às quais o autor não tinha intenção de se dirigir e que ele não poderia prever, como os autores modernos, de modo que temos hoje, assim, a oportunidade de estabelecer um confronto dialético entre as qualidades originais de um texto e a mudança dos horizontes de expectativa do público dos leitores no decorrer da longa história da recepção de um texto que está na base de toda a nossa cultura ocidental.

### **Referências Bibliográficas:**

- CONTE, G. B. *Letteratura latina*. Firenze: Le Monnier, 1997.
- FEDELI, P. Il romanzo. In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (dir.). *Lo spazio letterario di Roma antica*, vol. I. Roma: Salerno Editrice, 1998, p. 343-373.
- FEDELI, P. *Letteratura latina*. Napoli: Il Tripode, 1995.
- GIANOTTI, G. F. I testi nella scuola. In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (dir.). *Lo spazio letterario di Roma antica*, vol. II. Roma: Salerno Editrice, 1999, p. 421-466.
- ONESTI, R. *Invito a rileggere l'Eneide*. In: VIRGILIO. *Eneide*. Torino: Einaudi, 1997, p.vii-xxxvi.
- PECERE, O. Antichità tarda e trasmissione dei testi. Qualche riflessione. In: ID. (cur.). *Itinerari dei testi antichi*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1991, p. 55-83.
- ROCHA PEREIRA, M. H. *Estudos de história da cultura clássica*, vol. II. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1984.
- SPALLONE, M. I percorsi medievali del testo: accessus, commentari, florilegi. In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (dir.). *Lo spazio letterario di Roma antica*, vol. III. Roma: Salerno Editrice, 1999, p. 387-471.
- ZEHNACKER, H., FREDOUILLE, J.-C. *Literature latine*. Paris: PUF, 1993.

Profa. Dra.Mônica Costa Vitorino, professor associado de Língua e Literatura Latina da Faculdade de Letras da UFMG, doutora em Letras Clássicas e Cristãs pela Università Pontificia Salesiana di Roma, sócia-fundadora da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, desenvolve e orienta projetos de graduação e pós-graduação na área de língua e literatura latina.

e-mail: monvit@ufmg.br